

~~Celso Maria de MELLO PUPO~~

~~Sancta Religiosa~~

~~A Música,~~

~~CAMPINAS - A CATEDRAL E O BISPADO~~

~~Memória do centenário da Catedral  
e do septuagésimo quinto aniversário  
do Bispado de Campinas.~~

# A Catedral

Desenhos, fotos e dados técnicos  
de

LIA AFONSO FERREIRA BARROS

Campinas - Sua Arte Religiosa  
O Templo Votivo e Nossa Senhora do Carmo  
Natividade de Nossa Senhora das Dores

" de Nossa Senhora do Rosário

" ~~de Nossa Senhora do Carmo~~

A Catedral

~~CAMPINAS - São Paulo - BRASIL~~

~~1987~~

## OS VIGÁRIOS DA CONCEIÇÃO

Logo após a posse do primeiro bispo de Campinas, Conde Dom João Batista Correia Néri, determinou Sua Excia. o preenchimento de questionários que informassem sobre a diocese, inclusive a parte histórica com relação de vigários ocupantes da paróquia da Conceição, o que foi feito pelo Rvmo. Cura Monsenhor Antônio Pereira Reimão, e do qual transcrevemos dados, retificando alguns pontos que a documentação exige:

"O primeiro vigário foi o Rvmo. Frei Antônio de Pádua Teixeira, Religioso Franciscano da Província do Rio de Janeiro, escolhido para este cargo por falta de clérigos seculares, conforme declaração feita pelo Bispo D. Frei Manuel da Ressurreição, conforme se lê na página 375 do 4º volume do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Frei Antônio era natural de Baependi, cantou a ~~uma~~ primeira missa em Campinas, paroquiou de 14 de julho de 1774" "e se prolongou até 16 de novembro de 1778, entregando-se, nesse dia, as alaias ao vigário de Jundiá, Padre Inácio Pais de Oliveira, e assinando ambos o respectivo termo; Frei Antônio permaneceu em Campinas até 16 de março de 1779, quando ainda fez um batizado, retornando ao Convento de São Francisco em São Paulo" (34). "Os seus pais faleceram nesta cidade (Campinas); deles descende a importante família dos Teixeiras".

"O segundo vigário foi o Rvdo. Padre José de Santa Maria Cunha; paroquiou desde" "2 de janeiro de 1779, dia em que, como vigário, fez o registro de óbito" (35), a 11 de junho de 1780. O terceiro foi o Rvdo. Frei José do Monte Carmelo de Siqueira. Paroquiou de 14 de fevereiro de 1781 a 11 de Maio de 1782. Foi quem celebrou a primeira missa em a nova matriz da paróquia, a 26 de julho de 1781 e encomendou o corpo do fundador de Campinas Francisco Barreto Leme, sepultado na mesma igreja" a 13 de abril de 1782."

"O quarto foi o Rvdo. Padre Inácio José da Anunciação Cintra; paroquiou de 23 de junho de 1782 a 15 de janeiro de 1785. O quinto foi o Rvdo. Padre André da Rocha Abreu; paroquiou de 2 de fevereiro de 1785 a 19 de janeiro de 1788. O sexto foi o Rvdo. Padre

Manuel Joaquim de Freitas; parouquiou de 3 de fevereiro de 1788 a 14 de agosto de 1790. O sétimo foi o Rvdo. Padre Leandro Manuel Ribeiro; parouquiou de 8 de setembro de 1790 a 21 de dezembro de 1791. O oitavo foi o Rvdo. Padre Roque Gonçalves da Cunha; parouquiou de 6 de janeiro de 1792 a 6 de agosto de 1795. O nono foi o Rvdo. Padre Bernardo de Sampaio Barros; parouquiou de 6 de setembro de 1795 a 6 de agosto de 1797. O décimo foi o Rvdo. Padre Joaquim José Gomes; parouquiou de 17 de setembro de 1797 a 27 de agosto de 1831. O padre Joaquim José Gomes foi o primeiro vigário colado, tendo-se dado a sua colação em 1802. Assistiu à nossa emancipação política e tomou parte saliente nos acontecimentos que se seguiram, concorrendo para a criação da nova Matriz, elevação do povoado a vila etc.". "Era o Padre Joaquim José Gomes natural de São Paulo".

110  
120

O undécimo vigário "foi o Rvdo. Padre Manuel José Fernandes Pinto, empossado a 8 de outubro de 1831." "O duodécimo foi o Rvdo. Padre Joaquim Anselmo de Oliveira, natural de Guaratinguetá, vigário colado e no exercício desse paróquiato desde 22 de fevereiro de 1832 até 1838. Este sacerdote distinguiu-se pelo seu talento, seus dotes oratórios e seu temperamento de lutador. Era liberal e abolicionista, o que deu causa a ser envolvido em uma trama dos seus inimigos e sujeito a um processo tudo por origem o roubo de uma lâmpada e outros objetos de prata pertencentes à Fábrica. Foi colado depois em canonicato e condecorado pelo Governo Imperial. Infelizmente envolveu-se depois em lutas terríveis contra o apostólico bispo D. Antônio Joaquim de Mello, do que veio a arrepender-se sumamente no fim de sua existência."

"O décimo terceiro foi o Rvdo. Padre Dr. João Manuel de Almeida Barbosa, colado depois. Regeu a paróquia de 1º de setembro de 1838 a 6 de dezembro de 1855. Durante o seu paróquiato algum tanto longo, sucederam fatos importantes como a maioridade, a elevação de Campinas a cidade e a visita do Imperador em 1846. Estando a Matriz Velha quase em ruínas, passavam atos religiosos para a igreja do Rosário, de 1846 a 1852." "O décimo quarto vigário foi o Rvdo. Padre Antônio Cândido de Mello, de 14 de março de 1856 a 28 de agosto de 1860. No seu paróquiato teve lugar a visita pastoral do Exmo. e Redmo. Sm. D. Antônio Joaquim de Mello, que aqui chegou a 14 de março de 1856 e permaneceu cerca de um mês."

150

O décimo quinto vigário foi o Rvdmo. Padre Joaquim José Vieira, "tomando posse aos 2 de setembro de 1860. Sendo ainda muito moço, foi alcunhado de Vigarinho. Em 1869 o bispo de São Paulo D. Sebastião Pinto do Rego poz várias paróquias em concurso, entrando & Campinas no número destas. O rvdmo. padre tomou parte neste concurso, tendo merecido de um dos examinadores, o Conselheiro Padre Dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel as seguintes palavras: "Em São Paulo nenhum sacerdote fez exame mais brilhante até o presente". "Mas o gabinete liberal julgou preferível fazer a nomeação de um sacerdote da mesma política postergando os merecimentos. Afastado da direção da paróquia, o padre Vieira resolveu fundar uma Santa Casa de Misericórdia, tendo sido lançada a primeira pedra aos 19 de novembro de 1871. Aos 28 de maio de 1876 prestou compromisso e foi empossado de uma das cadeiras do Cabido Diocesano. Aos 9 de dezembro de 1883 foi sagrado bispo de Fortaleza, Ceará".

"O décimo sexto vigário foi o rvdmo. Padre José Joaquim de Sousa e Oliveira, que tomou posse da paróquia aos 24 de abril de 1864, continuando até 1885 em que permutou com o vigário de Santos. Durante seu paroquiato foi criada a paróquia de Santa Cruz". "Em 1873 o novo Bispo Diocesano, o exmo. e revdmo. Sr. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho fez uma visita pastoral a Campinas".

Décimo sétimo vigário foi o Cônego Sipião Ferreira Goulart Junqueira que "tomou posse aos 26 de junho de 1885". Sua atenção foi logo alertada para o estado do grande órgão da Matriz, vindo de Paris precedido de altos elogios, mas que ainda não mostrara suas grandes qualidades. E o novo vigário apelou para o hábil artista de invulgar e variado conhecimento, Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, executor do restauro que descrevemos sob o item "Complementação e Restauro do Templo".

No quarto ano do paroquiato do Cônego Sipião, "foi esta cidade de Campinas flagelada pela febre amarela. O Vigário da Matriz Nova, unido ao vigário da Matriz Velha, o então padre João Batista Correia Neri (hoje bispo Diocesano) e alguns distintos cidadãos fundaram no consistório da Matriz de Santa Cruz, aos 7 de abril de 1889,



"O vigésimo primeiro vigário da Conceição foi o rvdmo. padre José de Almeida e Silva, sacerdote português há muitíssimos anos residente no Brasil." De Santos veio "para a Conceição em 30 de Agosto de 1900". "O vigésimo segundo vigário da Conceição foi o rvdmo. padre Pedro Francisco dos Santos" que lavrou a fls. 62 do Livro do Tombo: "Fui nomeado vigário desta paróquia de Nossa Senhora da Conceição desta cidade de Campinas em 12 de agosto de 1904. Tomei posse e fui provisionado em 21 de agosto do mesmo ano" (a) P. Pedro dos Santos. O vigésimo terceiro vigário desta paróquia é quem estas linhas escreve", Monsenhor Antônio Pereira Reimão, como lavrou: " Aos vinte de dezembro de 1908 tomei posse do cargo de Cura desta Catedral de Campinas para o qual tinha sido nomeado por provisão do Rvdmo. Sr. Bispo Conde D. João Batista Correia Neri. Deu-me posse o Rvdo. Sr. Padre Pedro Francisco dos Santos". (A dignidade de Cura "em Direito Canônico indica também o sacerdote encarregado de cura de almas de uma paróquia incorporada com uma pessoa moral como um Cabido").

Criada a diocese de Campinas, tomou posse o primeiro Bispo Conde Dom João Batista Correia Néri a 1º de novembro de 1908, com entrada solene, ficando ~~o altar-mór~~ reservado o altar-mór para o Bispo Diocesano e passando o Cura a funcionar no altar do Sagrado Coração de Jesus". Do Bispo empossado, foi um dos "primeiros atos a transferência de Monsenhor Antônio Pereira Reimão, vigário de Amparo, para Cura da Catedral, que se destacou pela dedicação a seu curato estendido ~~xxxx~~ até 22 de dezembro de 1936, devoto e frutuoso.

Os vigésimos quarto a oitavo vigários ~~xx~~ ~~xxxx~~ da Catedral, foram, respetivamente: Monsenhor João Alexandre Loschi, de novembro de 1920 a dezembro de 1936; Monsenhor João Lopes de Almeida, de janeiro de 1937 a dezembro de 1948; Monsenhor Rafael Roldam, de janeiro de 1949 a 1960; de 1960 a 1961, Monsenhor José Nardin; de 1961 até ao presente, Cônego Waldemiro Caran.

BISPADO E ARCEBISPADO

Inegavelmente o primeiro idealismo pela criação de um bispado em Campinas, nasceu do amor à cidade e a religião, da convicção acertada de Dom João Batista Correia Neri, então organizador de duas dioceses, a de Vitória no Estado do Espírito Santo e a de Pouso Alegre no sul do Estado de Minas Gerais. Tão entusiasta quanto honesto em suas intenções, solicitou Dom Neri, desde o seu primeiro passo em favor de uma diocese em Campinas, que não fosse ele o seu primeiro bispo; pedido que fazia temeroso de que o supusessem trabalhando em seu favor pessoal, quando aspirava a justiça para sua terra natal.

Dom Neri já era um prestigiado componente do episcopado brasileiro, pelo seu alto valor, pelas suas elevadas qualidades morais, religiosas e intelectuais; pelo seu coração profundamente caritativo, pelo seu acendrado espírito apostólico, pelas suas múltiplas e acertadas ações diretivas como pároco e como bispo. Teve então, o seu pensamento, uma força dominadora para mover elementos no Brasil e em Roma.

Participaram da idéia inicial o bispo de São Paulo, Dom José de Camargo Barros e o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, futuro primeiro cardeal brasileiro, que foram relevantes elementos em favor da desejada realização. Dom Duarte Leopoldo e Silva que assumira a diocese de São Paulo pela morte trágica no naufrágio do "Sírío" ao sul da Espanha, de Dom José de Camargo Barros, deste recebeu tal encargo e o entusiasmo pela criação da diocese de Campinas, ou mesmo da divisão da província eclesiástica de São Paulo em seis novas dioceses, sendo Campinas uma delas.

Mas uma carta do arcebispo Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti dirigida a Dom Neri, melhor indica o verdadeiro e maior propulsor da criação da diocese:

"Exmo. Sr. Bispo de Campinas.

Acabo de ler sua primeira pastoral que me chegou às mãos não sei por intermédio de quem; acheia-a prometedora de cousas

42  
excelentes e de atualidade.

Congratulo-me com V. Excia. e muito de coração peço a Deus Nosso Senhor que esse bom povo saiba aproveitar as virtudes e as qualidades peregrinas de alma e de coração, de que Deus abundantemente enriqueceu o Pastor que acaba de lhe dar.

Desejo a V. Excia. muitos anos de um episcopado cheio de abundantes frutos e, por conseguinte, cheio de grandes consolações.

Começou a ter execução o grande plano da criação das dioceses de São Paulo, esboçado por mim e D. José de Camargo e realizado por D. Duarte; mas, é força confessar que Campinas foi a causa impulsora desse desdobramento maravilhoso de dioceses, que vão trazer benefícios incalculáveis a esse povo tão bom e tão digno desses sacrifícios.

Seja tudo para maior honra e glória de Deus e de sua Igreja.

Do irmão affmo. in J. Cto.

e amo. int. obdo.

Roma, 28 de Novembro de 1908.

. J. Card. Arcebispo do Rio de Janeiro."(38)

Em Campinas cada vez mais se aceleravam os trabalhos pela nova diocese e Dom Duarte Leopoldo e Silva, já bispo de São Paulo, visitou nossa cidade onde se reuniu e jantou, a 14 de maio de 1907, na residência de um dos mais ardorosos batalhadores pela criação do bispado, Antônio Carlos do Amaral Lapa. Desta reunião e jantar ficou fotografia (fig. ) na qual se vê: ao alto na varanda, Dom João Batista Correia Neri, bispo de Pouso Alegre; Padre Péricles Barbosa secretário particular de Dom Duarte; Dom Duarte Leopoldo e Silva, bispo de São Paulo; Cônego Otávio Chagas de Miranda, futuro bispo de Pouso Alegre; e Cônego Ezequias Galvão da Fontoura, vigário geral de São Paulo. Na escada, Antônio Carlos do Amaral Filho. Em baixo, de pé: Henrique de Barcelos, jornalista; Vicente Fragoso Ferrão, comerciante; Sabino Júlio de Barros, industrial; Vitor Brenneisen, jornalista; Antônio Benedito de Castro Mendes, comerciante; Dr. João de Assis Lopes Martins, médico; Heitor Teixeira Penteado, advogado;

Coronel Antônio Álvaro de Sousa Camargo, fazendeiro; Dr. Paulo Álvares Lobo, advogado e jornalista; Coronel José Teixeira Nogueira de Camargo, fazendeiro; Júlio Frank de Arruda, fazendeiro; Benedito Otávio de Oliveira, historiador e jornalista; Dr. Antônio Rodrigues de Mello, advogado; e Leopoldo Amaral, jornalista. Sentados, o anfitrião Antônio Carlos do Amaral Lapa, fazendeiro; Cônego Manuel Ribas d'Ávila, depois monsenhor; Cônego Pedro Francisco dos Santos; e Cônego Francisco de Campos Barreto, depois segundo bispo de Campinas.

Aos 7 de junho de 1908, pela Bula "Dioecesium nimiam amplitudinem, de Sua Santidade o Papa São Pio X, foi criada a nova Província Eclesiástica de São Paulo, com seis dioceses sufragâneas: Curitiba, Taubaté, Campinas, Botucatu, São Carlos e Ribeirão Preto". Em Campinas a instalação da diocese se fixou em 18 de outubro de 1908, em solenidade presidida por Monsenhor Francisco de Campos Barreto, por determinação do arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva.

"D. João Neri, como se sabe, aqui chegou a 30 de outubro de 1908, trazido por uma comissão de conterrâneos distintos, seus amigos, e tomou posse do cargo a 1 de Novembro desse ano.

Prestara compromisso na igreja do Rosário, perante S. Exc. Revma. D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo metropolitano, tendo servido como testemunhas D. Antônio de Assis, bispo de Pouso Alegre, Monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura, arcebispo do cabido de S. Paulo, e o Sr. Drosimbo Maia, prefeito-governador da cidade.

O cortejo processional que o levou a empossar-se, era ~~uma~~ enorme, sendo formado dos representantes do Governo do Estado, das autoridades locais, pessoas gradas, irmandades e associações e grande massa de povo" (39).

Dedicou-se o Bispo Diocesano à organização do bispado, iniciando logo suas visitas pastorais e providências em Roma para a formação do seu Cabido. E do Vaticano, da Sagrada Congregação Consistorial, chegou a Campinas o Rescripto concedendo-lhe, com anuência de Sua Santidade o Papa São Pio X, a faculdade de constituir o Cabido Diocesano.

Compôs Sua Excia. o Cabido Diocesano com os dez membros:

Monsenhor Antônio Pereira Reimão, Monsenhor Francisco de Campos Barreto, Cônego Manuel Ribas d'Avila, Cônego Carlos Cerqueira, Cônego Flamínio Machado de Vasconcelos, Cônego Samuel Fragoso, Cônego Otávio Chagas de Miranda, Cônego Pedro Francisco dos Santos, Cônego Bento Dias Leme, Cônego Manuel Rosa; honorários, Cônego Marçal Ribeiro, Cônego José de Almeida e Silva e Cônego Francisco Botti.

Com a presença do Bispo Diocesano, instalou-se solenemente o Cabido a 3 de novembro de 1909, orando o Cônego Manuel Ribas d'Avila que discorreu sobre o ato e a constituição do Cabido que chamou de "senado do Bispo", para resumir a função essencial da instituição. Resolveram os capitulares que, a começar de 28 do mesmo mês, a missa das 9 e meia horas, dos domingos, passaria a ser celebrada por um deles, com a pregação a cargo de outro, distribuindo-se para a primeira celebração cujo celebrante seria Monsenhor Antônio Pereira Reimão e o pregador Cônego Otávio Chagas de Miranda; no segundo domingo, celebrante Cônego Otávio Chagas de Miranda e pregador o Cônego Manuel Ribas d'Avila; no terceiro domingo celebrante Cônego Manuel Ribas d'Avila e pregador Cônego José de Almeida e Silva; no quarto domingo celebrante Cônego José de Almeida e Silva e pregador Monsenhor Francisco de Campos Barreto.

Assim, mais um passo estava dado na vida regular do novo bispado sob uma direção experiente, dinâmica e santa que não seria outra com o bispo Dom João Batista Correia Neri. Correram-se os tempos, substituíram-se os prelados, multiplicaram-se os trabalhos, cresceram as populações, avolumou-se o clero, numa vida de progresso que havia de retalhar fisicamente a área do bispado, como retalhou, levando-o à culminância de metrópole. Foi na direção de seu terceiro bispo que Campinas passou a arcebispado.

A Bula "Sacrorum Antistitum" de Sua Santidade o Papa Pio XII, aos 19 de abril de 1958, e levou Campinas a arcebispado com as sufragâneas Bragança, Piracicaba e São Carlos, promovendo seu bispo Dom Paulo de Tarso Campos, a arcebispo metropolitano de Campinas.

SAGRAÇÕES EPISCOPAIS

Já descrevemos a primeira sagração realizada na Catedral de Campinas, então Matriz da Conceição, elevando Dom Joaquim José Vieira à plenitude do sacerdócio, bispo de Fortaleza no Ceará, no dia seguinte ao da inauguração da Matriz Nova, 9 de dezembro de 1883.

A segunda sagração marcou o dia 27 de agosto de 1911, já então criado o Bispado de Campinas. Sagrava-se Monsenhor Francisco de Campos Barreto, bispo eleito de Pelotas no Rio Grande do Sul, sendo sagrante o Bispo Diocesano Conde Dom João Batista Correia Neri e consagrantes os Bispos Dom Antônio Augusto de Assis, bispo de Pouso Alegre, e Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, bispo titular de Orthosia, coadjutor do Arcebispo do Rio de Janeiro e futuro cardeal sucedendo neste mesmo arcebispado. Teve Dom Francisco de Campos Barreto como paraninfos leigos, o Comendador Jerônimo de Campos Freire e o Dr. João de Assis Lopes Martins.

Realizou-se a 13 de agosto de 1916 a terceira sagração, de Monsenhor Joaquim Mamede da Silva Leite, bispo titular de Sebaste, sendo sagrante Dom João Batista Correia Neri e consagrantes Dom Francisco de Campos Barreto, bispo de Pelotas, e Dom Otávio Chagas de Miranda, bispo de Pouso Alegre; foram paraninfos leigos o Dr. Antônio Álvares Lobo, presidente da Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo, e o Professor Teófilo Benedito de Sousa Carvalho, lente da Academia de Direito de São Paulo. (Dom Otávio Chagas de Miranda também sagrado em Campinas, teve a sagração na matriz em <sup>que</sup> ele parquiava, hoje Basílica de Nossa Senhora do Carmo).

A quarta sagração na Catedral, efetuou-se a 30 de novembro de 1932, na pessoa de Monsenhor Idílio José Soares, bispo eleito de Petrolina, sendo sagrante o bispo de Campinas, Dom Francisco de Campos Barreto com assistência de Dom Otávio Chagas de Miranda, bispo de Pouso Alegre, e Dom Lafaiete Libânio, bispo de Rio Preto. Paraninfos leigos foram Cláudio Celestino de Toledo Soares e Arquimínio de Barros.

Quinta foi a sagração aos 16 de fevereiro de 1941, de

Dom Francisco de Borja Amaral, eleito bispo de Lorena, sagrado por Conde Dom Francisco de Campos Barreto, bispo de Campinas, tendo consagrantes Dom Otávio Chagas de Miranda, bispo de Pouso Alegre, e Dom Joaquim Mamede da Silva Leite, bispo titular de Sebaste. Teve o novo bispo por paraninfos leigos, o Conde José Vicente de Azevedo e o Comendador José Henrique Tavares.

A sexta sagração, aos 15 de abril de 1956, foi a de Dom Agnelo Rossi, eleito bispo de Barra do Pirai, sendo sagrante Dom Paulo de Tarso Campos, bispo de Campinas, e consagrantes Dom Helder Pessoa Câmara, arcebispo titular de Saldae e auxiliar do Rio de Janeiro, e Dom Vicenti Marchetti Zioni, bispo titular de Lauzadus e auxiliar de São Paulo. Foram paraninfos eclesiásticos Dom Rodolfo das Mercês Oliveira Pena, bispo de Valença e administrador da diocese de Barra do Pirai, e Dom Luís do Amaral Mousinho, bispo de Ribeirão Preto. Dom Agnelo Rossi chegou ao cardinalato quando arcebispo de São Paulo, sendo, após, transferido para o Vaticano como Prefeito da Sagrada Congregação Para a Evangelização dos Povos, sendo hoje

Sétima sagração foi a de Dom Aníger Francisco Maria Melilo, bispo de Piracicaba, realizada aos 29 de junho de 1960, sendo sagrante Dom Rui Serra, bispo de São Carlos e consagrantes Dom Vicente Marquetti Zioni, bispo titular de Lauzadus e auxiliar de São Paulo, e Dom Agnelo Rossi, bispo de Barra do Pirai.

De Dom Bernardo José Bueno Mieli, bispo titular de Barraro e auxiliar de Campinas, foi a oitava sagração, realizada aos 10 de fevereiro de 1963, sendo sagrante Dom Paulo de Tarso Campos, arcebispo de Campinas e consagrantes Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, arcebispo titular de Chalcis e auxiliar de São Paulo, e Dom Agnelo Rossi, arcebispo de Ribeirão Preto. Paraninfos leigos foram os pais do bispo sagrado, Atilio Mieli e Senhora, e um representante do laicato católico eleito pelo Cabido Diocesano, o autor do presente. *Il. Bernardo foi elevado a Arcebispo de Ribeirão Preto, sendo então o Arcebispo +*

A nona sagração realizou-se a 15 de agosto de 1963, sagrando-se Dom Tomás Vaquero, bispo de São João da Boa Vista, sendo sagrante Dom Paulo de Tarso Campos, arcebispo de Campinas, e consagrantes Dom Agnelo Rossi, arcebispo de Ribeirão Preto e Dom José

+ mais cargo do Brasil

Varani, bispo de Jaboticabal; paraninfos eclesiásticos Monsenhor Emílio José Salim, Monsenhor Francisco Cruz e Monsenhor Antônio David, e paraninfos leigos Graciliano de Oliveira Fernandes e Euclides de Carvalho e Silva.

A décima sagração elevou ao episcopado Dom Constantino Amstalden, realizada a 23 de maio de 1971, bispo titular de Hierpiniana e coadjutor e administrador apostólico de São Carlos. Foi sagrante Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, arcebispo de Campinas, e consagrantes Dom Ruy Serra, bispo de São Carlos, e Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis. Foram paraninfos religiosos Monsenhor João Kulay e Padre Lauro Sigrist, e leigos os pais do sagrado Filomena Sigrist Amstalden e Benedito Amstalden, ~~x~~ Maria Aparecida e Waldemar Duarte e Helena e Rodolfo Partel.

A décima primeira sagração realizou-se a 14 de novembro de 1975, de Dom Antônio Celso Queirós, bispo titular de Saetabis e auxiliar de São Paulo, sendo sagrante o Cardeal arcebispo de São Paulo Don Paulo Evaristo Arns e consagrantes Dom Bernardo José Bueno Mieli, arcebispo de Ribeirão Preto, e Dom Walfredo Teppe, bispo de Ilheus.

A décima segunda sagração realizou-se a 7 de outubro de 1976, sagrado Dom Amaury Castanho, bispo titular de Balécio e auxiliar de Sorocaba, tendo por paraninfos os seus pais Alice José Castanho e Jayme Godoi Castanho. Foram ~~x~~ consagrantes e consagrantes Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, arcebispo metropolitano de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, arcebispo coadjutor de Campinas, e Dom José Melhado Campos, bispo diocesano de Sorocaba.

Em sua "Carta pastoral saudando os seus diocesanos", na sua posse em 1908, falou o primeiro bispo de Campinas, Conde Dom João Batista Correia Neri, certo de que, deste seu berço natal, falava à sua pátria e para todo o século vinte - profético e inspirado - o caridoso formador de consciências:

"a opressão dos fracos e deserdados da sorte e o servilismo asqueroso para com os fortes e poderosos, a indiferença pelas dores e sofrimentos do próximo e a sede insaciável dos prazeres e gosos terrenos, a calúnia, o ciume, a inveja dissociando os membros da sociedade - eis o triste quadro que se desenrola diante de nossos olhos. Ninguém se sente bem e todos se acham apavorados com a perspectiva do futuro".

"A! não penseis, filhos e irmãos diletíssimos, que nos devemos absorver por tal modo nos cuidados da própria alma, que ponhamos de parte o que se relaciona com a vida espiritual e terrestre de nosso próximo: Haec oportuit facere illa non omittere. Se a caridade não tem hoje escravos para libertar, cativos para remir, leprosos para curar, outras misérias se apresentam a seus olhos, misérias do corpo e misérias da alma: ignorância das verdades religiosas e morais, perversão do espírito público, hostilidade entre as classes da sociedade, uma multidão privada de seus chefes naturais, passando, inteira, ao jugo dos inimigos, o homem do povo, o operário não possuindo nem casa, nem trabalho, nem o pão de sua velhice, nem o repouso de seu domingo, nem a paz de seu lar" (40).

oooo000oooo

Em lar de orações, em pequena casa da rua da Conceição em Campinas, aos seis de outubro de 1863, nasceu o menino João Batista, filho de fervoroso casal que floria diariamente o seu tugúrio com o odor santo da oração; ninho abençoado, fundado com sacramento da Igreja - o matrimônio - em festa do Espírito Santo a 29 de junho de 1862, dia de São Pedro e São Paulo, apóstolos que haviam de zelar pelo menino predestinado, privado de assistência paterna aos dois anos de idade, mas sob um dedicado zelo maternal, confiante em Deus pelas suas orações.

Iniciou João Batista a sua vida religiosa como acólito do

ex-Vigário, o estimado Padre, depois Bispo, Dom Joaquim José Vieira, então da capela e provedor da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, ~~Dom Joaquim José Vieira~~ Com os conhecimentos de estudos primários, iniciou sua vida de secundarista no Colégio Culto à Ciência, já de sólido conceito como ~~de~~ adiantado estabelecimento de ensino, no qual se matriculou para o ano de 1875, brilhando logo o seu talento revelado em suas manifestações de comediógrafo e literato e senhor de dotes oratórios, entre seus contemporâneos "Antônio Álvares Lobo, Antônio de Pádua Sales, Antônio Cândido de Camargo, Júlio de Mesquita, Rafael Ferraz de Sampaio, Oscar A. da Mota, José Manuel Lobo, José de Campos Novais, Abelardo Pompeu do Amaral, Joaquim Álvaro de Sousa Camargo, Manuel Saturnino do Amaral e outros", diz Ataliba Nogueira.

Depois de cinco anos de estudos no Culto à Ciência, pelas mãos de seu capelão, o Padre Vieira, entrou o rapaz de 17 anos para o Seminário de São Paulo, levado pela sua vocação religiosa desde a infância revelada. E logo no "trote" habitual foi posto à prova pelos veteranos quando o intimaram a falar em sessão de seminaristas. E ao mocinho acanhado, premido pela imposição dos maiores, foi dada a palavra como forma de levar o calouro a ridículo; inversamente davam a Joãozinho o seu primeiro triunfo. Orador nato, empolgou os ouvintes e firmou o seu prestígio de moço de talento que passou a merecer a consideração devida às suas virtudes e à sua inteligência. Tonsurado em 1882, diácono em 1886, neste mesmo ano obteve o presbiterato com mais sete colegas ordenados todos pelo Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho.

Cantou a sua primeira missa em Campinas, na então matriz de Santa Cruz, hoje Basílica do Carmo, a 16 de abril de 1886, sendo seu vigário o Padre Francisco de Abreu Sampaio de quem se tornou auxiliar, nomeado pró-pároco a 1º de fevereiro de 1887. Já abalada tinha a saúde o Padre Abreu Sampaio, moléstia que se agravou resolvendo o Ordinário nomear o Padre João Batista Correia Neri, vigário encomendado da matriz de Santa Cruz, da qual se tornou vigário colado por concurso e carta imperial de 12 de junho de 1888, após o falecimento do vigário Sampaio.

Desde 1870 estava Campinas dividida em duas paróquias, a de Nossa Senhora da Conceição a ser transferida da primeira igreja para a Matriz Nova, hoje Catedral, e a de Santa Cruz criada para ser a ocupante da antiga e primitiva de Campinas. Estava, então, o Padre Neri, em seu primeiro campo apostólico que soube amansar transformando-o em evolução de sua vida religiosa, mais tradicional e dominadora em todas as consciências, em vida ativa, em atos devocionais empolgantes e frutuosa, com maior esplendor do culto, repetida a profunda pregação doutrinária, união e atividade de seus paroquianos com nascentes associações religiosas, tudo impulsionado pelo vigário em trabalho pessoal e ingente, e pela sua oratória brilhante, fluente, apropriada e constante.

Entre tanta atividade apostólica, não deixou o Padre Neri de atuar no seu campo social com um zelo exemplar, formando de início o seu corpo de acólitos submetidos não só ao trabalho funcional da matriz, como a uma formação moral e religiosa de grandes frutos para o futuro clero de Campinas. Formavam este acolitato os meninos Francisco de Campos Barreto, futuro bispo de Pelotas e segundo bispo de Campinas; Joaquim Mamede da Silva Leite, futuro bispo auxiliar do próprio Dom Neri; Otávio Chagas de Miranda, futuro bispo de Pouso Alegre; João Martins Ladeira, futuro monsenhor; Samuel de Oliveira Fragoso, futuro cônego, e José Martins Ladeira, futuro prestigioso comerciante e exemplar católico.

Cuidando de todo o território de sua paróquia, o padre Neri fez levantar a pequena igreja de Sumaré, então Rebouças, no mesmo ano em que Campinas se tornaria presa sofredora da terrível epidemia de febre amarela, levando o município a grande retrocesso econômico, enquanto era dizimada sua população, distribuída impietosamente a viuvez e a orfandade, prostrado o próprio padre Neri salvo pela dedicação médica. Então surgiu para este padre um novo e vasto trabalho assistencial de auxílios aos enfermos pobres, avolumando impositivamente a ação em favor dos órfãos amparados por ele que os acolheu até em sua própria casa. Desta necessidade apresentou-se ao santo pá-

roco, a oportunidade de fundar um Liceu de Artes e Ofícios, idealizado e aspirado já pela exemplar católica D. Maria Umbelina Alves Couto, suas ~~das~~ mais eficientes colaboradoras.

Iniciava-se o reconhecimento de sua grande obra quando, por carta imperial de 6 de outubro de 1889, era o padre Néri elevado com o título de cônego honorário da Catedral de São Paulo. Não o perturbou honraria; continuou no eficiente labor e instituiu a primeira conferência de São Vicente de Paulo, obra que ainda permanece ~~eficiente~~ ~~ente~~, atuante na diocese de Campinas. E multiplicavam-se os seus trabalhos, ora na imprensa fundando jornais, ora em organizações católicas que cresciam com grandes frutos de afervoramento da fé, até receber do vigário de Nossa Senhora da Conceição, Matriz Nova, a proposta de permuta das vigarias, ficando o Cônego Néri com a grande Matriz Nova e oportunidade para mais vasto trabalho apostólico.

E não foi outra a atuação do Cônego Néri, por dois anos de intenso trabalho, até que o consultaram se aceitaria um bispado a ser criado e que teria de fundar e organizar. Apóstolo por convicção, ~~xx~~ ~~aceitou~~ o chamamento ~~da~~ igreja, foi sagrado em Roma pelo Cardeal Jerônimo Maria Gotti na capela do Colégio Pio Latino Americano a 1º de novembro de 1896, como bispo da novel diocese do Espírito Santo em cuja capital, cidade de Vitória, fez sua entrada solene na Catedral, aos 23 de maio de 1897.

Com volumoso trabalho de instalação e organização, de formação do clero com retiros espirituais todos os anos, pioneiros no Brasil, com cursos de teologia e criação de colégios católicos leigos, teve o prazer de ordenar o primeiro padre, ~~xx~~ ~~xxxxxxx~~ seu acólito e depois seu bispo auxiliar, Dom Joaquim Mamede da Silva Leite. Visitou paróquias de sua diocese às quais levou direção religiosa ~~x~~ apostólica de sua pessoal formação, interessando-se de modo único ~~p~~ pela população indígena de sua diocese.

Mal passados três anos, era Dom João Néri chamado para outro trabalho de fundação e organização de nova diocese, a de Pouso Alegre, criada pelo Santo Padre Leão XIII, a 4 de agosto de 1900, na qual se empossou a 21 de julho de 1901. ~~xxxx~~ Repetiram-se os tra-

balhos todos do Espírito Santo, fazendo de Pouso Alegre um novo centro irradiador de fé e catolicismo. E tanto desenvolveu sua atividade que prostrou-o um esgotamento obrigando-o a pedir um auxiliar à Santa Sé que o atendeu dando-lhe o Bispo-auxiliar Dom Antônio Augusto de Assis, sagrado a 17 de novembro de 1907, quando Campinas já merecia as suas cogitações como sede de futuro bispado, não para si, mas para maior progresso religioso de sua terra natal.

Tomando conhecimento de planos de nova diocese em São Paulo, pensou o Arcebispo do Rio de Janeiro, com o Bispo de São Paulo, Dom José de Camargo Barros, na criação de outras dioceses para o Estado, o que fez já no pontificado de Dom Duarte Leopoldo e Silva, sucessor de Dom José falecido no naufrágio do "Sírio". E os novos bispados criados no Estado de São Paulo foram: o de Campinas, São Carlos, Botucatu, Ribeirão Preto, e Taubaté, <sup>(curtiss)</sup> elevando-se São Paulo à arquidiocese, tudo pela bula do Papa São Pio X, de 7 de junho de 1908, sendo "que Campinas foi a causa impulsora desse desdobramento maravilhoso de dioceses", segundo palavras de Sua Eminência o Cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro.

O pontificado de Dom Néri em Campinas marcou, de início, um plano de obras sociais que seu Bispo realizou magistralmente, nomeado bispo de sua terra natal em 3 de agosto de 1908, com a continuidade de seu trabalho paroquial nesta mesma cidade. Instalando o Cabido, fundando o Seminário Episcopal, instituindo a imprensa católica, desenvolvendo o ensino religioso, zelando pelo ensino agrícola, redobrando esforços pelo aperfeiçoamento de seu clero, exerceu Dom Néri um pontificado exemplar em Campinas, enquanto lhe permitia seu estado de saúde sempre débil, para, a 1º de fevereiro, <sup>de 1920</sup> voltar ao céu receber a recompensa de quem foi santo na vida terrena, integralmente dedicado à Igreja de Cristo, desde os alvares de sua existência, deixando o exemplo de fervorosa crença, de patriotismo inteiriço, de cidadania engalanada de intenso espírito comunitário, de amor verdadeiro e profundo a seus semelhantes.

Campinas, 1º de novembro de 1982

engrandecer o episcopado brasileiro com o nome glorioso de Dom João Batista Correia Néri, fundador do bispado e primeiro bispo de Campinas.

Presbítero a 11 de abril de 1886, ordenado na Capela do mesmo Seminário de Dom Antônio Joaquim de Melo, era o Padre Néri pró-pároco em 1887, e pároco colado por concurso, em junho de 1888 na mesma paróquia do Padre Vieira, hoje Basílica do Carmo. Entre seus acólitos, alistou-se o menino Francisco de Campos Barreto.

oooo0000oooo

A humildade é a submissão, a pobreza, a modéstia, a inferioridade consciênte e interior, que não se ajusta à autoridade que é superior, que manda, arbitra, tem vontade própria, importância, competência, domínio. Dois atributos que se repelem, não se enlaçam, e, ordinariamente, não convivem.

Homem de ação, resoluto, enérgico, intransigente com o mal, condutor incontestável, seguro na sua responsabilidade de apóstolo no episcopado, com as mais altas qualidades de comando; humano, caridoso, desprendido, conselheiro, amparo dos fracos, e, encantadoramente humilde quando se via servido, obsequiado, considerado, como se aspirasse desataviar-se de qualquer direito à recompensa, à gratidão, ao engrandecimento, vindas estas manifestações da sinceridade, da honestidade, da justiça; aceitava a homenagem, o reconhecimento, o respeito à sua alta dignidade episcopal, mas fugia à elevação pessoal, ao engrandecimento individual, à glorificação humana.

Assim, podia ele aliar à sua vigilância pelos bens da Igreja, o seu zelo pela segurança de um patrimônio material do bispado - ao fervor apostólico pela difusão do Evangelho, ao seu amor pelo afervoramento religioso dos componentes de sua Igreja, o que o levou a grandes realizações no campo apostólico, na santificação de corações, na sublimação de consciências, e na consolidação material e patrimonial do bispado de Campinas.

Pensador, de pouca fala, ouvia atenciosamente e falava o necessário; era um observador profundo e falava seguro do seu dizer, sem imposição mas com autoridade, externando segurança e inspirando confiança. Positivo em suas resoluções, levava-as ao termo, dentro de um esque-

ma traçado com sabedoria e prudência.

Eis a figura exponencial de Dom Francisco de Campos Barreto; do berço ao presbiterato, viveu o último quartel do século dezanove, centúria que haveria de marcar sua vida religiosa, desde a formação inicial de sua personalidade, forjando-a com o calor dos fatos históricos do seu século.

Nasceu em Campinas a 28 de março de 1877 e ordenou-se na Catedral de São Paulo a 22 de dezembro de 1900. Em fevereiro seguinte já era vigário em Americana, e vigário de Sousas em 1903; a paróquia de Santa Cruz e Nossa Senhora do Carmo, hoje basílica, o recebia para regê-la em 1904.

Seu paróqu<sup>to</sup> foi fecundo como fecunda foi a sua direção nas primeiras paróquias. O Padre Francisco classificava-se pela atividade constante, pela caridade, pela vigilância, pela humildade e pela conformidade com as privações, com a submissão aos superiores e cuidados aos paroquianos, aos quais dava o seu zelo na medida do que necessitava cada um, cada família, cada grupo.

Na paróquia do Carmo onde mais se demorou como vigário, sua atuação foi proficiente para se destacar como das mais elevadas, e para fazê-lo bispo com, apenas, onze anos de sacerdócio. E a recém-criada diocese de Pelotas lhe foi entregue para pastoreio que se classificou de profícuo em obras criadas e trabalhos executados, até sua remoção para segundo bispo de Campinas, onde foi empossado a 14 de novembro de 1921.

Obras valiosas e extensas já foram escritas sobre o brilhante episcopado de Dom Francisco de Campos Barreto; mas dormem no ineditismo confirmando a lamentável realidade do comércio livreiro, sempre ávido de maus livros. Relatos rápidos, entretanto, já se fizeram sobre o pontificado de Dom Francisco em Campinas.

Trabalhos como o sínodo diocesano, organização e regulamentação dos serviços da Cúria, das Fábricas Paroquiais, de congregações religiosas, do seminário, da imprensa diocesana; ordenação das pregações, das missões, da Semana Eucarística. Trabalhos como a criação ou fundação da Legião da Boa Imprensa, das Congregações da Doutrina Cristã, em

todas as paróquias, da Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento, das Congregações Marianas e Pias Uniões, das Conferências Eclesiásticas para o Clero, das Vigarias Forâneas e das novas e multiplicadas paróquias no território da diocese, dizem significativamente da vida benéfica do nosso homenageado de hoje, o grande bispo, notável pelo seu zelo substanciado em suas pastorais, em instituições para o afervoramento religioso, em difusão de doutrina, em elevação cultural culminada com a fundação da Faculdade de Filosofia, embrião vigoroso da Pontifícia Universidade Católica de nossos dias, em organização administrativa da diocese, em desdobramento de paróquias para o perfeito socorro aos ~~fin~~ fieis; em vigilância no campo social, para o que fundou a ordem das Missionárias de Jesus Crucificado, uma renovação que atesta sua visão do momento a exigir, além da reclusão e contemplação fervorosa, a ação social externa, levada ao recôndito dos lares católicos ou não. Só esta sua fundação bastaria para significar o seu episcopado; do recolhimento à exteriorização, o que era uma florescente renovação distribuidora da palavra do Divino Mestre.

Neste mesmo sentido, Dom Francisco "fez o regulamento da Ação Católica". Os mandamentos de Roma chegavam céleres a Campinas, e Dom Francisco de Campos Barreto instituiu, em 1935, a Ação Católica em sua diocese. Foi a 12 de maio que ela, solenemente, se instalou dando, Sua Excelência, posse à primeira diretoria do Conselho Diocesano e de suas juntas especializadas. Seus trabalhos logo se desenvolveram orientados pelo estatuto diocesano, publicado em 8 de dezembro de 1934, até 31 de janeiro de 1937, quando Dom Francisco determinou o vigor, na diocese, dos Estatutos da Ação Católica Nacional, com Junta Diocesana, Juntas Paroquiais, Organizações Básicas e seus setores.

Em 7 de agosto de 1938, na Cúria Diocesana, em sessão solene, foi levado à presidência da Junta Diocesana, já inteirado dos fundamentos e regulamentação da Ação Católica, conduzido pelo clássico Luigi Civardi e pela próxima Carta Apostólica de Sua Santidade o Papa Pio XI, de 18 de janeiro de 1939.

Nesta Carta podemos rememorar bem os fins deste movimento, quando o Sumo Pontífice fala:

DOM PAULO DE TARSO

Com pronúncias feitas a dois primeiros e valorosos bispos de Campinas, a dever estávamos em reconhecimento ao pastoreio de Dom Paulo de Tarso. É que neste anseio da vontade e do coração, tolda-se a nossa letra com a lágrima da saudade. Quem teve Dom Paulo como amigo dos mais amigos, rememora-o constantemente - mas no consolo de conservar a lembrança no mais recôndito e silencioso escrínio de estremado afeto.

Valha-nos o Padre Antônio Vieira com seus sermões magníficos, quando nos ensina que "outra grande maravilha do Santíssimo Sacramento é, no dia do juízo todos havemos de ressuscitar em virtude sua" (41). Em virtude sua, preparava Campinas seu Congresso Eucarístico de 1942. Em virtude sua, Campinas recebia a 1º de março o seu terceiro bispo diocesano, trazido do litoral paulista, de Anchieta redivivo ~~ativando~~ a "Assistência" para esquecida população praieira de mais precária vida nas extensões ridentes de plagas paulistas. Em virtude sua, o terceiro bispo de Campinas presidiria o Congresso Eucarístico lançando o germe para uma Eucarística realização, única no Brasil, de se erguer um Templo Votivo para a exclusiva finalidade de adorar perpetuamente o Santíssimo Sacramento.

.....

Nascido em Jahú, cursou Dom Paulo de Tarso o Seminário Menor de Pirapora, de onde passou para o Seminário Provincial de São Paulo para ser ordenado em 1920, na matriz da Consolação. Depois de coadjutor em paróquia do interior do Estado, voltou em 1923 como professor do Seminário Provincial, período com interregno para curso na Universidade Católica de Louvain. Em 1932 foi escolhido pelo arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, para vigário da paróquia de Santa Cecília.

Aluno distinto, professor eficiente e culto, vigário ativo, de profunda apostolicidade, percorreu caminhos formando corações, plasmando consciências e intelectos dos que o ouviam, e zelando pelo seu rebanho paroquial nas carências do fervor, do aprimoramento e até da vida material. A primeiro de janeiro de 1935 era eleito bispo de Santos.

57

Contam os anais de sua diocese, a multiforme atividade de seu bispo, com especial carinho na Assistência ao Litoral de Anchieta, litoral de todas as praias paulistas - do norte, Ubatuba, ao sul, Cananéia - ocupado em maior parte por regiões em semi-abandono, de rareada população sofredora, necessitada de socorro espiritual e material tão profunda e longa<sup>mente</sup> que conservava brasileiros por dezenas de anos sem contacto com a civilização.

Dom Paulo percorria essas plagas, socorrendo e bençoando, auxiliado pelos componentes da "Assistência" que fundara. E mais, pesquisava seus velhos alfarrabios colhendo e salvando documentos, anotando dados históricos que lhe forraram trabalhos valiosos posteriormente impressos. Na sede de seu bispado, a cidade de Santos, foi eleito Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico, em junho de 1941.

Devem-lhe os santistas uma atuação extensa e profíqua; surpreendeu seus diocesanos com o término da construção de sua Catedral que por dezenas de anos se arrastou sem os finais de uma obra como a Matriz, como a Catedral, que pareciam inatigíveis. Deixou sua diocese engalanada de ânimo espiritual, de consolidação de fé e reconhecida ao estimado pastor. Eleito para terceiro bispo de Campinas, nesta diocese tomou posse a 1º de março de 1941.

De exímias letras e falar escorreito, com apenas um ano de episcopado em Campinas, foi solicitado pela sua antiga arquidiocese de São Paulo para pronunciar o Elogio Fúnebre do arcebispo Dom José Gaspar de Afonseca e Silva. No exórdio de sua oração já distribuía as louçanias de suas palavras castiças, para comoção da grande assistência presente à Catedral Provisória de Santa Efigênia em São Paulo, a 27 de agosto de 1943:

"Incumbido pelo Colendo Cabido Metropolitano, aqui me encontro nesta amarga contingência, para a palavra de saudade, do afeto e da gratidão. E só para isso.

Não se trata, pois, de medir benemerências ou aquilatar o preço de uma grande obra; não é também o momento de enquadrar no vasto panorama da Igreja no Brasil a figura singular de um



59

~~superiores pelo concurso da boa vontade e da fé.~~ Ao incutir no espírito de um homem os retos ornamentos da procura do Criador de todas as coisas, é, às mais das vezes, urgente dar-lhe de comer para que responda apenas às nossas perguntas. E, nem sempre esse alimento é o pão, porque quase sempre é uma pequenina soma de afeto que falta àquela sensibilidade para que seja apenas um homem.

Este tem sido o sentimento permanente das obras sociais que Dom Paulo de Tarso Campos tem desenvolvido durante seus trinta anos de liderança episcopal. Sentido de profundo humanismo, que se revela nos mínimos fatos de seu governo arquidiocesano, embora reconheçamos que o autor de tantos serviços frequentemente se deixou dominar pelo silêncio da modéstia que o qualifica entre os mais expressivos representantes da Igreja Católica em nosso país. Decerto, são muitos os que conhecem o cultor da História Pátria em nosso Arcebispo Metropolitano, o homem preocupado com o exame do passado para o melhor entendimento do futuro, aquele que se debruçou horas sem conta sobre os pergaminhos e, sobre os velhos códices dos primeiros tempos para a caracterização de uma época ou de uma data. Todos sabem o estudo dedicado que ora nos oferta a respeito das primeiras paróquias do Brasil nascente, como aquela de Santos e das circunvizinhanças, no levantamento histórico dos primeiros párocos e de seus valores históricos. E, agora, no estudo dedicado e perfeito a respeito da paróquia de Moji-Mirim" (42).

E ainda na preocupação de tomar do alheio relatos sobre a atuação de nosso primeiro arcebispo, transcrevemos:

"Em Campinas Dom Paulo de Tarso Campos foi o homem escolhido por Deus para ultimar a obra de seus ilustres antecessores e preparar a Diocese para receber, por ocasião das celebrações do seu jubileu de ouro de existência, a insigne honra de ser elevada à dignidade de Arcebispado, pela Bula Pontifícia "Sacrorum Antistitum" de Sua Santidade o Papa Pio XII, de 19 de abril de 1958.

De fato, da inteligência e do coração de Dom Paulo, aos poucos, silenciosamente, foram brotando as obras e realizações de seu pastoreio entre nós. No campo educacional, entre outras, o Seminário da Imaculada, a Universidade Católica de Campinas, da qual é

60

Grão-Chanceler; os seus trabalhos como 2º Reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como 1º Presidente do Secretariado Nacional da Educação da Conferência Nacional dos Bispos e no âmbito internacional como 2º Vice-Presidente do Conselho Mundial das Universidades Católicas; no campo assistencial, a Cruzada das Senhoras Católicas com seus múltiplos Departamentos: Policlínica São José, Posto de Puericultura, Dispensário Dom Barreto e Lar Campineiro das Moças Cegas, com sede própria; no campo eclesiástico e canônico, a criação de numerosas Paróquias, a reorganização e ampliação das Vigarias Foraneas, a instalação de novas Famílias Religiosas, a nova Cúria Arquidiocesana com todas as suas dependências, Ofícios e Tribunais, a ampliação do Cabido Diocesano e sua nova indumentária, a reforma da Catedral e a construção de novas igrejas paroquiais, artísticas e amplas, o novo Palácio Episcopal, a ereção da Diocese de Piracicaba em 1944 e o reajuste de limites da Diocese; no campo religioso e apostólico, as repetidas Visitas Pastorais e Canônicas, a realização do Congresso Eucarístico Diocesano em 1942, em preparação ao Nacional de São Paulo de setembro desse ano, ocasião em que Sua Excia. Revma. instalou provisoriamente na Capela do S.S. da Catedral, a Obra da Adoração Perpétua, até a conclusão das obras do Templo Votivo, já bastante adiantadas; o Congresso Eucarístico Provincial de 1946 com a participação dos Cardeais Mota e Cerejeira, e preparado pelos cinco Congressos Regionais de Piracicaba, Amparo, Moji-Mirim, Piraçununga, e Rio Claro; o Congresso de Ação Católica de 1947 sob a presidência do Sr. Cardeal Antônio Caggiano, Bispo de Rosário na Argentina, seguido de tridões de estudos em diversas paróquias e numerosas outras Semanas de Estudos sobre a Família, a Educação e outros problemas sociais e religiosos; a reorganização da Imprensa Diocesana, o incremento da Catequese, da Obra das Vocações, das Associações Religiosas, da Ação Católica e do Apostolado Leigo" (43).

Sua devoção ao Santíssimo Sacramento ~~De~~ inspirou, como ideal, o intento de mais glorificar o sublime mistério sacramental, merecedor de um templo votivo, numa afirmação de fé que se consolidasse diariamente. E, assim, no primeiro ano de seu episcopado em Campinas, lançou a semente que germinou, cresceu e floresceu como

5761

se demonstra hoje no amor que lhe dedica uma considerável parte da população católica.

Foi "após o desfile imponentíssimo que encerrava uma das mais belas manifestações da tradicional piedade do povo campineiro, no Congresso Eucarístico Diocesano de 1942", que "o Excelentíssimo Senhor Dom Paulo fez o voto de instalar no Bispado a Obra de Adoração do Santíssimo Sacramento, assim iniciando o movimento de fervor eucarístico cuja flama se tem mantido ardorosa e fiel, no coração da Metrópole. Obra que, como dizia seu idealizador, "não é apenas uma obra da Diocese, mas há de ser a alma de todas as obras que devem viver permanentemente de seu sopro eucarístico". A Obra se instalou, provisoriamente, na Capela do Santíssimo da Catedral, a 12 de julho do mesmo ano de 1942, até que, com casa e terreno de sua própria residência, na rua Regente Feijó, Dona Odila Ferreira Alves fez doação à Obra que ali lançou a primeira pedra do Templo Votivo aos 22 de agosto de 1954; e ele se foi erguendo pelo devotamento da população de Campinas.

Aproximando-se o jubileu de prata, vinte e cinco anos do pontificado de Dom Paulo em Campinas, arcebispo que então contava com a colaboração do arcebispo coadjutor Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, depois sucessor no arcebispado, e do bispo auxiliar Dom Bernardo José Bueno Mieli, depois arcebispo metropolitano de Ribeirão Preto, cuidou-se do término da construção do Templo Votivo. Assumiu o arcebispo coadjutor Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, a direção de um movimento da população católica, que frutificou, levando o Templo Votivo ao término de sua construção. É ele uma das mais belas igrejas de Campinas.

Condutor de ação segura, pensada e vigorosa, Dom Paulo excelia pelo seu bom gosto e por suas diretrizes artísticas e execução, dominando os problemas com saber e com a sua bondade que o fazia condutor amável e intemerato, de larga visão, extremado na dignidade sacerdotal e nos direitos de pai espiritual. De envolvente simpatia, de falar cristalino e erudito, era timoneiro preciso

62

e poderoso fazendo-o personalidade ímpar na execução de seu pontificado. Humilde, não exhibia sua humildade, mas recusava determinadas honrarias como a de ser "príncipe da igreja". Quando na direção do bispado de Campinas, no qual se tornara tradição o bispo ser conde do Vaticano como foram seus dois antecessores, recusou o desejo do Cabido que pretendeu fazer tal pedido a Santa Sé.

Sentindo que a sua debilidade física apoucava seus recursos de condutor perfeito, renunciou à direção do arcebispado, o que teve de repetir mais duas vezes para ser atendido, em 1968, por Sua Santidade que, certamente, antevia a falta de um apóstolo de tanto valor. Faleceu a 2 de março de 1970.

DOM ANTÔNIO

Agradecemos a Deus os prelados que Ele nos tem dado. Nascida a nossa cidade há duzentos anos, tendo por berço uma igreja provisória de pau-a-pique e cobertura de palha, parece que Deus permitiu que, multiplicada a palha do berço de Jesus, viesse ela colmar a nossa primeira igreja, semente fecunda que floresceu em virtude iluminando nossa vida como fanal abençoado que se norteia para o caminho do bem, sempre a nos dar prelados, religiosos e religiosas numa plêiade santa e apostólica para que Campinas, nascida sob as bênçãos de Deus em celebração Eucarística, filha do idealismo fervoroso de Francisco Barreto Leme e das virtudes do franciscano Frei Antônio de Pádua, permaneça na fé entre as primeiras de nossa pátria e na vocação religiosa que a faz continuadora da tradição católica de nosso povo, para as realizações honrosas que hoje podemos inscrever em nossa história.

Lobores se levantam ao Céu pelo transcorrer do aniversário de ordenação episcopal de nosso Arcebispo. Paulistano de nascimento, chamado para o sacerdócio, cursou os Seminários Menor de Pirapora e Provincial de São Paulo, para ser ordenado a 15 de agosto de 1930. Aprimorando sua cultura, se destacou no exercício dignificante do ensino. Eleito auxiliar do Sr. Cardeal de São Paulo, elevado a arcebispo titular e depois bispo residente de Jundiá, foi, no mesmo ano escolhido para arcebispo coadjutor de Campinas, com direito à sucessão, passando, desde sua posse a 6 de dezembro de 1966, a dar seu concurso à administração de Dom Paulo de Tarso Campos, cujos trabalhos pastorais se avolumavam.

Pela renúncia de nosso primeiro arcebispo, assumiu Dom Antônio a plenitude do governo arquiepiscopal. Se Campinas, pela bondade divina teve em seus três primeiros pastores, três figuras que se aureolavam de virtudes e qualidades que os fizeram luminares no episcopado brasileiro e exemplos de condutores de sua diocese, os dotes de coração e de intelecto do Sr. Dom Antônio o elevam para a magnitude de seus antecessores.

4º  
(2º arcebispo)

Dom Antônio Maria Alves de Siqueira

- Nasceu na cidade de São Paulo a 14 de novembro de 1906.
- Estudou na Casa Pia São Vicente de Paulo, em São Paulo, de 1911 a 1917. Cursou o Seminário Menor de Pirapora de 1918 a 1923.
- Cursou o Seminário de São Paulo de 1924 a 1930.
- Tornou-se sacerdote a 13 de março de 1930.
- Professor no Seminário de São Paulo das cadeiras de Filosofia, Pedagogia, Arte Sacra, Literatura, História da Filosofia e Teologia Dogmática. Vice-Reitor do Seminário.
- Membro do Cabido Metropolitano de São Paulo
- Censor Diocesano, em São Paulo.
- Juiz pro-Sinodal, em São Paulo.
- Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo.
- Bispo da Diocese de Jundiáí.
- Arcebispo coadjutor de Campinas
- Arcebispo Metropolitano de Campinas, <sup>de 1968</sup> até 1978, *quando renunciou*
- Autor de traduções de livros religiosos e de "Golgota" (S. Paulo, 1946), "Filosofia da Educação" (~~S. Paulo~~ <sup>Petropolis</sup>, 1945), "Nossa Senhora Aparecida" (São Paulo, 1955), "Consolando os que sofrem", (São Paulo, 1959), "Itinerário" (São Paulo, 1959), "Palavras de direção" (S. Paulo, 1960), "A serviço da Rainha" (S. Paulo, 1961), etc.
- Em 1985 ~~continua~~ *continua* residindo em Campinas no Lar dos Velhinhos.
- Membro honorário da Academia Campinense de Letras.

5º (3º arcebispo)

Dom Gilberto Pereira Lopes

- Nasceu em Santa Luzia, Bahia, a 14 de fevereiro de 1927.
- Cursou o Seminário Menor de Petrolina e o Seminário Maior de Olinda, em Pernambuco.
- Ordenou-se sacerdote a 4.12.1949 em Petrolina.
- Vigário cooperador na catedral de Ribeirão Preto, SP.
- Cura da Catedral de Ribeirão Preto.
- Cônego teologal do Cabido Metropolitano de Ribeirão Preto
- Reitor do Seminário Maria Imaculada em Brodoski, SP
- Sagrado bispo a 3.12.1966 em Ribeirão Preto
- Bispo de Ipameri, Goiás.
- Bispo coadjutor de Campinas em 19.12.1975.
- Arcebispo ~~coadjutor~~ de Campinas em 1978

*Luiz Augusto de Castro Sant'Anna*

(2º arcebispo)

Dom Antônio Maria Alves de Siqueira

- Nasceu na cidade de São Paulo a 14 de novembro de 1906.
- Estudou na Casa Pia São Vicente de Paulo, em São Paulo, de 1911 a 1917. Cursou o Seminário Menor de Pirapora de 1918 a 1923.
- Cursou o Seminário de São Paulo de 1924 a 1930.
- Tornou-se sacerdote a 13 de março de 1930.
- Professor no Seminário de São Paulo das cadeiras de Filosofia, Pedagogia, Arte Sacra, Literatura, História da Filosofia e Teologia Dogmática. Vice-Reitor do Seminário.
- Membro do Cabido Metropolitano de São Paulo.
- Censor Diocesano e Juiz pro-Sinodal em São Paulo.
- Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo.
- Bispo titular de Aricanda.
- Bispo da Diocese de Jundiaí.
- Arcebispo coadjutor de Campinas.
- Arcebispo Metropolitano de Campinas de 1968 até 1980, quando renunciou.
- Em 1985 ainda reside em Campinas no Lar dos Velhinhos.
- Membro Honorário da Academia Campinense de Letras.
- Autor de traduções de livros religiosos e de "Golgota" (São Paulo, 1946), "Filosofia da Educação" (Petrópolis, 1945), "Nossa Senhora Aparecida" (São Paulo, 1955), "Consolando os que sofrem" (São Paulo, 1959), "Itinerário" (São Paulo, 1959), "Palavras de direção" (São Paulo, 1960), "A Serviço da Rainha" (São Paulo, 1961), etc.

(3º arcebispo)

Dom Gilberto Pereira Lopes

- Nasceu em Santa Luzia, Bahia, a 14 de fevereiro de 1927.
- Cursou o Seminário Menor de Petrolina e o Seminário Maior de Olinda, em Pernambuco.
- Ordenou-se sacerdote a 4.12.1949 em Petrolina.
- Vigário cooperador na Catedral de Ribeirão Preto, SP.
- Cura da Catedral de Ribeirão Preto e cônego teológico do Cabido Metropolitano de Ribeirão Preto.
- Reitor do Seminário Maria Imaculada em Brodosqui, SP.
- Sagrado bispo a 3.12.1966 em Ribeirão Preto e nomeado bispo de Ipameri, Goiás,
- Bispo de Ipameri de 2.2.1967 até dezembro de 1975.
- Arcebispo coadjutor de Campinas a 19.12.1975, tomando posse a 6.3.1976.
- Arcebispo titular de Aurussuliana.
- Administrador Apostólico do Arcebispado de Campinas, SP, em 1980
- Arcebispo Metropolitano de Campinas a 10.2.1982.
- Publicou artigos em jornais de Ribeirão Preto.

*Ryungo de Castro Santos*

DOM GILBERTO

Arcebispo coadjutor com direito à sucessão de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, já se integrara no âmbito religioso da arquidiocese, Dom Gilberto Pereira Lopes. E como se manifesta a graça do Senhor nas bênçãos que tem sido prodigalizadas a Campinas, o nosso terceiro arcebispo de pronto conquistou o coração do povo católico, pelas virtudes que ornaram sua personalidade. Renunciando Dom Antônio ao completar seus setenta e cinco anos de idade, foi Dom Gilberto confirmado terceiro arcebispo de Campinas por S.S. o Papa João Paulo II.

Feliz Campinas que tem recebido do Céu a bênção do bom pastoreio religioso.

38. "Saudosa Homenagem a D. João Neri, 1º Bispo de Campinas, 334.
39. Ob. Cit. 334 (38).
40. J. C. Ataliba Nogueira, "Elogio Histórico de D. João Neri" 89.
41. Padre Antônio Vieira, "Sermões" edição 1908, VII 210.
42. "Correio Popular" de 14/7/1965.
43. "poliantéia do Cinquentenário da Diocese de Campinas", 1958.